

OS PROFESSORES E A ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS DE ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE OURO FINO - MG

**Luciana R. SOUSA¹; Rita C. MESSIAS²; Douglas M. COSTA³; Paula I. COELHO⁴; Luis
Carlos NEGRI⁵.**

RESUMO

O projeto apresentado tem por objetivo compreender como os professores do ensino médio, de uma escola da rede estadual de ensino do município de Ouro Fino/MG, compreendem a educação sexual. Para tanto, buscamos identificar e analisar os discursos presentes na fala dos docentes e relacioná-los aos discursos hegemônicos sobre a sexualidade que circulam em nossa sociedade, identificando possibilidades da emergência de discursos e práticas sobre a sexualidade que desestabilizam as relações de poder.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudo sobre Gênero, Arte, Educação e Sexualidade – GAES iniciou suas atividades no câmpus de Inconfidentes no ano de 2012. Constituiu-se a partir do incômodo de seus membros sobre a naturalização das relações pedagógicas constituintes das subjetividades adolescentes e da vontade de problematizar o fazer, o pensar, o falar e o silenciar sobre as relações de gênero e sexualidade que permeiam o cotidiano de nosso fazer/pensar docentes e discentes. Em nossos encontros discutimos textos, relatamos experiências e propomos projetos de pesquisas, dentre eles, este que apresentamos.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, email: luciana_rsousa@hotmail.com;

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, email: ritinha_messias@hotmail.com;

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes. Inconfidentes/MG email: dmontanheiro@yahoo.com.br;

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes. Inconfidentes/MG email: paulaicoelho@hotmail.com;

⁵ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Inconfidentes. Inconfidentes/MG email: luis.negri@ifsuldeminas.edu.br.

Em nossa sociedade as questões relacionadas à sexualidade tradicionalmente foram consideradas tabus, algo de que não se deve falar a qualquer momento, ou em qualquer espaço. Quando o assunto surge, de forma espontânea, pela curiosidade infantil, os adultos, na maioria das vezes, sentem-se constrangidos, não falam abertamente ou simplesmente mudam de assunto. Desta forma, criaram-se interditos em relação à sexualidade, ou seja, aquilo de que não se pode falar, perguntar, pois há um clima de vigilância social que regula o nosso agir e o nosso falar. Quando pensamos nas práticas sexuais que fogem ao modelo instituído como o certo, o heterossexual, a questão fica mais complicada, pois os sujeitos praticantes de relações sexuais diferentes são vítimas de reprovação social que chegam ao extremo da violência.

Todas essas questões estão relacionadas a como nos constituímos sujeitos de sexualidade em nossa sociedade. Partimos de uma proposta que pensa a sexualidade de forma histórica, cultural e social, fugindo, assim, às formas essencialistas de pensar que acreditam existir um modelo natural e inato de agir sexualmente constitutivo de cada indivíduo. A história de como nossas instituições sociais regularam os discursos, formas de conhecimento e formas de agir em relação ao sexo contribuiu para que nos constituíssemos, por exemplo, sujeitos de uma sexualidade em que o modelo considerado “certo” é o heterossexual e em que a sexualidade masculina se erigiu como a referência para se pensar a sexualidade feminina.

Atualmente, as transformações sociais que vivemos, principalmente as mobilizações das ditas minorias no final do século XX - dentre elas o movimento gay e feminista - tem contribuído para que as diferentes formas de ser e agir sexualmente, tradicionalmente excluídas e consideradas “anormais”, “desvios”, “erros” estejam cada vez mais visíveis e presentes nos diferentes contextos sociais.

Todas essas questões perpassam o contexto escolar como espaço formal de aprendizagem. Recentemente com a instituição dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s a orientação sexual passou a se constituir como um tema transversal que deverá ser tratado por todos os docentes.

No entanto, o fato de aparecer explicitamente na proposta escolar não significa que a sexualidade seja tratada de forma a valorizar a diversidade de práticas sexuais constituídas pelo sujeito, nem mesmo que a própria questão sexual

seja vista para além de uma questão individual, mas uma questão social, histórica e política.

Para a abrangência deste projeto nos propomos a pensar sobre as concepções de educação sexual presentes nas propostas de ensino dos professores de uma escola da rede estadual de ensino do município de Ouro Fino-MG. Desta forma, partimos do seguinte problema: como estes professores compreendem a educação sexual? De que forma a sexualidade é abordada em suas aulas? As suas concepções sobre sexualidade encontram ressonância nos discursos hegemônicos sobre a sexualidade em nossa sociedade? Da mesma forma, suas concepções sobre sexualidade contribuem para a criação, ou fortalecimento de outras possibilidades de discursos e práticas sexuais que desestabilizam as relações de poder vigentes?

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização desta pesquisa trabalharemos com a pesquisa qualitativa, nesse sentido, compreendemos o contexto escolar como uma realidade única e dinâmica, constituída pelas diferentes subjetividades que nela convivem enquanto sujeitos aprendizes/educadores. Evitamos a divisão tão tradicional nas pesquisas entre sujeito e objeto, considerando-nos também, ao entrarmos no contexto escolar, como sujeitos envolvidos política e valorativamente com aquela realidade. Assim, deixamos claro que, enquanto sujeitos pesquisadores, somos também, carregados de nossas visões de mundo, nossos princípios, que estão em diálogo constante com a realidade pesquisada. Da mesma forma, não compreendemos os sujeitos escolares como objeto de pesquisa, mas como sujeitos produtores de saberes, de cultura que estão num processo permanente de diálogo com a nossa proposta de pesquisa.

Inicialmente, estão sendo realizados encontros com o grupo de professores, com o objetivo de investigar as explicações, interpretações e significados que são atribuídos à sexualidade e à educação sexual. O próximo passo será a realização de entrevistas semi-estruturadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendemos que a educação sexual é perpassada por questões relacionadas às diferenças de gênero, à sexualidade e ao sexo, assim, faremos uma distinção conceitual buscando esclarecer como compreendemos a conceituação desses diferentes termos. Utilizaremos a distinção pensada por WEEKS (2010, p. 43) ao delimitar a noção de sexo como as “diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres”, no entanto, o autor ressalta que a forma como significamos essas diferenças são construídas culturalmente. O termo gênero remete “à diferenciação social entre homens e mulheres”, assim, quando falamos em gênero masculino e gênero feminino estamos nos referindo às significações históricas e culturais, bem como às relações de poder, que nos permitem diferenciar, definir e classificar o que é masculino e o que é feminino. E, por último, o termo sexualidade refere-se às “(...) crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas”, referentes ao “corpo e seus prazeres”⁶ ou seja, às diferentes formas de regulação social das possibilidades de prazer que o corpo oferece.

Problematizamos a sexualidade acompanhando o pensamento de Foucault que a considera um dispositivo histórico. Por dispositivo o autor entende

“[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais [...] o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.” (FOUCAULT, 1993, p.244)

Assim, a nossa forma de pensar, falar e agir em relação à sexualidade é fruto de um processo cada vez mais intenso de discursos, saberes, e instituições, que, a partir do século XIX, colocam a sexualidade como um uma questão central para a regulação do comportamento dos indivíduos e da população nas modernas sociedades ocidentais.

Diante do investimento de uma vontade de saber, como diria Foucault, em relação à sexualidade, emerge uma vontade de poder na direção de classificar, definir, hierarquizar e normatizar condutas sexuais. É neste contexto, que a noção

⁶ FOUCAULT, 1993

de heterossexualidade, por exemplo, vai se constituindo como a norma e a homossexualidade como o desvio da norma. A homossexualidade sempre existiu em diferentes momentos históricos, sendo, da mesma forma, rejeitada ou aceita, mas, de acordo com WEEKS⁷, o homossexual não. Com isso o autor quer dizer que "...somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada"

Temos consciência de que as questões referentes à sexualidade não se resumem somente ao binômio homossexualidade/heterossexualidade, mas perpassam também as diferenças de gênero e às questões relacionadas ao cuidado com o corpo e a saúde, apenas objetivamos com este exemplo, chamar a atenção para a historicidade de nossas percepções e comportamentos em relação à sexualidade.

Concordamos com LOURO (2010), ao problematizar o corpo como uma materialidade em constante transformação, cujos significados que lhe atribuímos vamos construindo de acordo com os discursos e saberes constitutivos de nossas relações sociais. Assim, de acordo com a autora, nossos corpos não possuem uma verdade em si, mas são significados culturalmente e estão em constante transformação, sendo alterados pelas mudanças sociais, culturais, tecnológicas, pelos discursos científicos, midiáticos, educacionais, etc.

À ideia de um corpo fixo construímos também a concepção de uma sexualidade imutável, inscrita na verdade expressa pelo corpo. As identidades sexuais, segundo a autora, também são flexíveis e estão em constante processo de mutação de acordo com as experiências vivenciadas pelo sujeito.

CONCLUSÕES

Quando falamos em educação sexual nas escolas, compreendemos que todas essas questões são abordadas, ainda que de forma não explícita. O contexto escolar é atravessado por diferentes subjetividades que devem ter sua cultura respeitada. Os homossexuais, transexuais, estão, cada vez mais, assumindo publicamente suas formas de ser, estão presentes adolescentes nas escolas, como

⁷ Id. 2011. p. 65

as escolas estão abordando essas questões? Esses jovens tem suas subjetividades respeitadas e valorizadas em sua forma de ser?

A escola é convocada socialmente, pelos diferentes movimentos sociais (gays, negros, índios) a incluir em seu currículo suas narrativas e formas de ser, que foram historicamente subjugadas. Foram destas mobilizações que surgiu, por exemplo, a lei 11.645, que torna obrigatório nas escolas o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena e atualmente presenciamos todo um movimento para a inclusão nos currículos escolares de orientações sobre a diversidade sexual.

Esperamos com o desenvolvimento do projeto, compreender como essas questões estão presentes na escola e são abordadas pelos professores. Discutindo quais são suas dificuldades, curiosidades e preocupações. Desta forma busca-se a formação de sujeitos capazes de instituir relações sociais mais democráticas e solidárias nos diferentes espaços que ocupam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo. Edições Loyola, 14ª ed. 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças Piruetas e Mascaradas**. Belo Horizonte. Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, E. L; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC/PPGEP/LED. Florianópolis, 2001.

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 2. ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2007

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (ORG.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 35-82